

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 1.000 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1.125 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL. 1.500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NÚMERO, 7

O «Povo de Aveiro» continua a ser vendido em Lisboa no kiosque do Terreiro do Paço.

AVEIRO

O RADICALISMO

O radicalismo é das ultimas conquistas n'esta lucta incessante de liberdade e despotismo, de egualdade e privilegios, de isenções e monopolios que se vem ha seculos debatendo. E' neste instante a maior aspiração da humanidade, farta de ouvir pregar as mais brilhantes theorias para logo as ver na pratica repellidos e calcadas pelos covardes pregaradores e por todos os charlatães que voem fazer das necessidades populares escada de interesses e gloria.

Ha cento e tantos annos que vae renhido este grande combate entre a realza e a democracia em politica, em sociologia e em religião. E durante esse relativamente larguissimo espaço que licções tão eloquentes! E' hoje a monarchia que cahe por terra derrotada, parecendo extinta para sempre na lividez do rosto e na rigidez dos membros! E' amanhã o clericalismo torpe que foge espavorido levado em carga cerrada nas pontas das bayonetas do pensamento humano! Mas apoz, que decepção tão triste, que desillusão tremenda! Volta ao rosto d'esse corpo inerte a côr rosada do costume e são então os batalhões da liberdade que ficam rotos e dispersos pelo choque unido e poderoso das phalanges alliadas do throno e do altar.

Assim temos vivido n'essa alternativa que nos tem gastado mais de que nos gastariam mil batalhas a seguir, que terminassem pelo exterminio completo d'um dos contendores. E o que nos produz a derrota e os destroços? Poucos são os que sabem responder a esta pergunta, porque pouquissimos são aquelles que se não contentam com quatro banalidades de doutores para irem estu-

dar severa, fria e profundamente os factos. Entretanto todos veem um partido democratico erguido nos chucos populares para cahir no outro dia abandonado e repellido por esses mesmos que o ergueram. Todos veem a multidão a dar a vida nas barricadas pelos governos republicanos, que cahem no dia seguinte entre a indifferença e o desanimo d'essa mesma multidão. Pois ahí tendes onde explicar os nossos males.

Esse partido cresceu, esse partido foi erguido pelo povo, quando trouxe consigo a pureza e a intransigencia dos principios. Cahiu quando affrouxou na propagação intransigente e pura, quando falseou o mandato que o povo moralmente lhe havia concedido, quando adquiriu o temperamento flacido e commodista do salão em troca do temperamento energico, despellido e activo que bebera na origem popular. Cahiu quando o povo reconheceu que de novo se illudira, que mais uma vez havia sido ludibriado, suppondo oppor ao inimigo generaes que saberiam morrer de fome em cerco apertado, em lugar de miseros guerrilhas que só saberiam fazer fogo na montanha sem coragem para descer á planicie, ou por pusillanidade propria, ou porque não sabiam combater, ou porque não tinham com o fogo disperso outra mira que chamar a attenção do adversario para lhe ajoelhar aos pés.

A multidão morria na barricada pelo governo da republica, quando esse governo ao assumir a direcção nacional lhe era garantia sufficiente de principios definidos que de sobejo conhecia, conhecimento de que deprehendia com razão que a conducta do novo governo seria inteiramente opposta á do outro que tinha tolerado. Deixou-o morrer com indifferença e com desanimo quando o viu seguir as pisadas monarchistas, dar-lhe os mesmos sinapismos e a mesma agua de linhaça.

Este é que é o facto positivo e real. Os governos democraticos nunca succumbiram á força do adversario; succumbiram sempre á propria fraqueza. Enquanto elles falsificam todos os principios em que se elevaram e assim af-

fastam de si o enthusiasmo popular, os partidos reaccionarios conservam o calor dos seus adeptos por uma intransigencia absoluta e completa.

Ahi estão na historia e no exercicio quotidiano da politica as demonstrações cabaes do que afirmámos. Tendo a democracia por si em toda a parte a maioria da opinião, fraqueja quasi sempre; tendo o clericalismo contra si o elemento dirigente das nações, que é o elemento intelligente, e a grande massa proletaria, persiste no mesmo campo, quando não ganha terreno. Porquê? Porque a democracia transige com o inimigo, afastando o enthusiasmo dos adeptos, em quanto o clericalismo conserva vivo o enthusiasmo dos que o seguem com uma intransigencia fulminante, com uma guerra incessante aos democratas. Se nós lhe damos força pelas nossas concessões e elle a obtem pela sua conducta energica e firme, como derrota-lo definitivamente? Ha muito tempo que se diz sensatamente que:—o mundo é dos mais fortes.

E' n'esta convicção, que se vae apoderando de todos os espiritos, que se funda o progresso em toda a Europa do radicalismo, que não é mais do que a afirmação na pratica de principios avançados e portanto da intransigencia com o inimigo. O povo convenceu-se de que não ha peiores inimigos da democracia de que os taes opportunistas e cançado de ver demoradas e sophismadas as doutrinas liberaes, á espera do *dia opportuno* que lhe promettem mas que nunca chega, lança-se resolutamente nos braços dos radicacs, em que vê garantias de independencia e energia.

Que attente n'um grande exemplo que tem agora na Europa. Enquanto Gladstone, esse velho unico que principio conservador e parece querer acabar socialista, reúne em volta de si os radicacs por uma attitud progressiva e energica, os republicanos opportunistas da França, que já deram um golpe na Republica, cada vez lhe levantam obstaculos mais terriveis por uma conducta fraca e pusillanime. Enquanto Gladstone trabalha pela

abolição do juramento, pela eliminação da camara dos lords, pelo suffragio universal, e, o que é mais grave, pela autonomia da Irlanda, o ministerio francez, depois do paiz se ter pronunciado pelos radicacs, faz na camara uma declaração repugnante de conservantismo. Enquanto Gladstone, por um radicalismo crescente, por um arrojo que vae até ferir no coração, nas questões da camara alta e da Irlanda, o reaccionarismo inglez, põe a monarchia á beira do abysmo erguendo em volta de si o enthusiasmo da Inglaterra, os opportunistas de França quasi que põem a Republica cambaleante pela mais vil das transigencias e a mais condemnavel das fraquezas.

Reparémos todos n'este exemplo famoso, lembrando-nos sempre de que um general hesitante nunca venceu batalhas!

OS ENTERROS CIVIS

Vae-se levantar em França uma questão importantissima, que deveria estar de ha muito resolvida se os opportunistas soubessem executar a democracia e não Vossem lá como em toda a parte os peiores inimigos da Republica. Referimo-nos á observancia das ultimas disposições dos livres pensadores relativas ao seu enterramento.

Os tribunaes fazem respeitar a vontade dos mortos quando se trata da repartição das suas fortunas. Mas a lei não os protege com a mesma egualdade se determinam a forma a seguir na sepultação do seu cadaver. E assim, ao passo que vemos os testamentos rigorosamente observados na distribuição dos bens, vemos as autoridades sem força para fazer executar as declarações escriptas sobre os enterramentos livres pensadores. E' preciso que se saiba isto:— um homem deu toda a vida provas de ser livre pensador; sustentou com a palavra ou com a pena as mais avançadas propeções anti-religiosas; declarou mesmo por escripto que queria ser enterrado civilmente; mas se tiver uma mulhersinha dominada

pelos padres, se tiver uma famíliinha beata, nada d'isso vale. Arranjam-lhe a extrema unção quando o virem moribundo, ou umas supostas testemunhas que juram que o livre pensador *apostou ao expirar*, e eis aquelle cadaver, que tão solememente se deveria respeitar, servindo de torpissima especulação religiosa com cantochão e agua benta atraz para o cemiterio! Isto é uma grandissima infamia, mas infamia que todos os dias se pratica por ahí, porque a lei a não quiz habilmente prevenir.

Não ha muitos annos que se deu em Portugal um caso d'estes. Morreu algures um cavalheiro, que accentuara em toda a parte as suas idéas rasgadamente livres em religião. Sustentou-as com denodo até ao ultimo instante e, sem o sabermos agora só certo, parece-nos que requereu mesmo por escripto o enterramento civil do seu cadaver. Pois apesar dos protestos energicos dos amigos, e porventura d'algum proximo parente, a familia teve tricas para lançar o clericalismo sobre o cadaver do desditoso liberal.

Em França succedem-se casos identicos e eguaes todos os dias. O de Littre foi muito celebre. Era profundamente livre pensador o grande positivista; os seus trabalhos de vulgarisação em liberdade de consciencia corriam o mundo inteiro. Ainda poucos dias antes de morrer mandava um pequeno artigo, em que declarava que queria ser enterrado civilmente, para a revista scientifica que dirigia. E tanto interesse o facto lhe merecia, que pedia com instancia a prova d'esse artigo para o rever. Não obstante, as viboras do lar que acalentou no seio não duvidaram entregar-lhe o cadaver ao bando negro da Egreja!

Agora acaba de se dar na Republica latina outro caso tão celebre em tudo como este. Charles Robin, o sabio anatomista, senador do Ain, ha dias fallecido, foi toda a sua vida livre pensador. Antes de morrer escreveu estas palavras memoraveis:— *«Esboço absolutamente de meus herdeiros que me enterrem civilmente, seja qual for o local ou a terra em que eu morra.»* Pois apesar de tudo enterraram-n'o catholicamente! E' a

FOLHETIM

JANTARES E JANTANTES

As proprias tripas portuenses, em cuja nacionalidade mais alguma fé eu tinha por se achar filiada a historia d'ellas á historia d'uma das expedições portuguezas para as conquistas do ultramar; as tripas portuenses, das quaes o meu antigo amigo Vieira de Castro, jantando uma vez conmigo em uma casa do Porto, me dizia discriminando com uma colher de servir a sôpa o conteúdo d'uma terrina posta entre os nossos talheres:— «isto é um jantar inteiro n'um tomo só: aqui temos sôpa, vacca, arroz, batatas, chouriços, gallinha, cenouras, mão de boi e pé de porco... no fundo da terrina vem naturalmente o «entremê» e a sobremesa, um naco de podim de pão com passas, uma talhada de melancia e um marmello de calda

para cada um);— as tripas, digo eu, aqui se fazem tão realmente como na minha terra. E d'isto dou parte áquelles dos meus patricios que desmedram em Pariz, extranhando os comeres. Na rua Mazagan, á esquina da rua de Le Echiquier ha uma taverna; á porta da taverna uma loisa; escripta na loisa com tinta branca a designação dos pratos do dia e o seu respectivo preço. Ora bem: quando na dita loisa encontrarem, entre um «civet» e uma «matelotte», estas palavras— «tripe à la Lyonnaise», preparem o appetite e entrem á hora do jantar. Lambert Thiboust, o celebre author da «Corde sensible» e das «Filles de marbre», um dos mais engraçados escriptores e um dos rapazes mais sinceramente bons que eu tenho conhecido, morava defronte de mim em Pariz e raramente deixava de ir comer á esquina da rua quando as tripas figuravam na lista dos manjares exposta na loisa a que me referi.

Logo me occuparei ainda do meu adoravel visinho, de cujo nome me não posso lembrar sem contar d'elle alguma

coisa. A grandeza do meu assumpto asobeha por tal modo o meu espirito, mesquinhissimo para tão grande peso, que eu mal sei ás vezes, querendo acudir a tudo, para que lado me vire. Já que nos achamos aqui sempre lhes quero dizer que acólá, na outra esquina da rua de l'Echiquier é a «renommée» da «choucroute»: uma taverna alemã afamadissima por esse prato. Quem não comeu «choucroute» á esquina da rua de l'Echiquier, não pôde dizer que sabe o que seja essa difficil combinação de hortaliça com chouriço fresco e com fatias de paio,— acepipe tão grato aos conspicios paladares germanicos. Ao sahirem da rua Mazagan têm ainda ahí no boulevard duas «renommées» notaveis: a da «brioche» e da «galette». E' ahí que mora o «père Coupe-toujours», assim chamado porque leva effectivamente a vida a cortar. O «Père-Coupe-toujours» fabrica uma incomparavel «galette», bôlo de farinha e ovos, que é uma transição apreciabilissima entre as nossas filhozes e a arrufada de Coimbra.

A casa do «Père Coupe-toujours» é assignalada por uma porção de gente que ahí espera continuamente a sua vez de ser servida, enquanto elle emprega doze horas por dia atraz do balcão, com barrete branco na cabeça e faca em punho, cortando fatias de «galette», que vende a um e dois «sous» cada uma. Está muito rico e recusou ha pouco a offerta de alguns contos de reis pela cedencia do seu balcão.

Mas voltemos á cosinha portugueza, enquanto nos espera o «paté de Chartres» de que eu vinha fallando. Dizia eu que cosinha portugueza é coisa que não ha, e n'isso peço licença para insistir. Isto é uma questão de historia com quanto á primeira vista possa parecer simplesmente uma historia de cosinha.

A cosinha civilisada nasceu na Grecia, berço de todas as artes. O primeiro banquete razoavel de que temos noticia é o de Achilles, descripto por Homero.

Constou de carne d'ovelha e de carne de porco. O nosso cozido data d'essa

época, d'onde se vê que não é novo nem fomos nós que o inventamos.

Os romanos do tempo d'Augusto aperfeiçoaram muito a obra dos gregos e cosinharam todos os pratos possiveis n'esse tempo, desde os miolos do rouxinol até o javali assado inteiro. E' notorio como Horacio bebia Phalerno, conhecem-se os esplendores da mesa de Luculo e de Mecenas, e sabe-se que Marco Antonio dava perolas delidas a Cleopatra. Com o imperio romano decahiu a cosinha, que só tornou a ter uma importancia verdadeira no tempo de Luiz XIV e no reinado de Velat.

Foi para o sensual amante da Maintenon e da Montespan que se inventaram as bebidas preparadas com assucar e com perfumes, que nós designamos em portuguez pelo nome generico de licores. Varias outras lambarices foram consagradas a esse egoista egregio, que teria comido a França se podesse transformar-n'a n'uma empada.

Durante a regencia do duque d'Orleans, assignalada pelas maiores ceias de «lorettes» que tem visto o mundo, e

ultima villania, villania de que só são capazes os servos da Egreja.

D'aqui a energia com que os jornaes francezes perguntam:—pode continuar tamanha anomalia? Poede a lei admittir estes abusos infamantes?

Não pode, nem em França nem em parte alguma. Quando não haja declaração, a vida do individuo, as suas affirmações escriptas, as suas opiniões conhecidas e nunca desmentidas pelos factos, devem fazer fé sufficiente. Quando haja declaração escripta, deve ser feita com as formalidades de testamento para que tenha a força legal testamentaria e pela mesma forma revogada, ou feita e revogada por outra forma ainda mais simples mas prevista pela lei de modo a evitar sophismas e a ser fielmente executada. E assim ficarão tranquilos os que commungam em qualquer dogma ou os que não commungam em dogma nenhum.

D'este canto da provincia temos lançado ao vento muitos gergens d'altas questões de liberdade e muitos tem pegado convertendo-se em propaganda firme na opinião publica. Ahi vai mais um, que sustentaremos com a energia do costume.

NÃO QUEREM MAIS?

Ha quinze dias que se restabeleceu o silencio em toda a linha dos anti-jesuíticos republicanos. Parece, pois, que os celebres catholicos da Republica, que tem por norma famosa de tolerancia chamar nomes feios e condemnar ás feras os que querem pacificamente exercer a propaganda anti-religiosa, depozeram armas e se retiraram a quartéis. Emquanto esperámos que essa retirada se confirme por uma duração maior no cessar do tiro, continuemos o ultimo retoque n'esta questão que dura ha quatro largos meses e que por varios motivos se tem tornado notabilissima.

Como os leitores viram, um dos argumentos renitentes dos anti-jesuíticos consistia na decantada loucura, que elles suppunham tal, de misturar as questões politicas com as questões religiosas. Segundo esses homens, o bom politico nunca deve misturar os negocios do clero com os negocios da vida civil; deve marchar para deante, sem attentar nas egrejas e nas cruzes que se lhe deparam no caminho. O bom politico deve procurar atrahir á sua causa todos os elementos, e portanto o bom republicano tem por necessidade obrigatoria chamar o padre ao gremio da Republica por um respeito sincero á Egreja e mesmo por uma defeza decidida do Clero. D'ahi o horror que professavam e professam pela designação anti-clerical e a singularissima classificação que fizeram do jesuitismo, que ninguem sabe onde foram recrutar!

Destruimos-lhe o insulso argumento, como lh'os destruimos

todos um por um. E destruindo-lh'os mostrámos a par das convicções erroneas d'essa gente a profunda ignorancia em que vegeta. Se não fossem ignorantes, se conhecessem ao menos o movimento politico, religioso e social da França da actualidade, que procuram imitar a cada instante, mas sem sciencia e consciencia ao que se vê, veriam que, em contrario das suas affirmações, as questões religiosas andam n'aquelle paiz profundamente identificadas com as questões politicas e até de ordinario as antecedem e resolvem. Transige-se alli muitas vezes em questões politicas, mas transige-se pouco e menos vezes em questões religiosas. Assim, por exemplo, vultos famosos do opportunismo, como Alfredo Naquet e Paul Bert, que acompanharam as fraquezas administrativas, economicas e internacionaes dos seus correligionarios, separaram-se sempre d'elles por systema nas questões religiosas, em que nunca deixaram de fazer as mais ousadas affirmações, votando a separação da Egreja do Estado e atacando sem pusillanidades o clericalismo em geral. E d'essa forma se explica o facto da proposta para a suppressão do orçamento dos cultos ter obtido sempre uma repositavel votação na camara, onde os chamados radicaes se achavam em pequeno numero relativamente. Se a votação era grande, era, está claro, porque votavam com elles muitos opportunistas!

Emquanto os nossos anti-jesuíticos dizem que é boa politica republicana atrahir o clero ao grande partido da democracia, Paul Bert, o illustre sabio francez, insuspeito para os anti-jesuíticos porque milita no opportunismo, proferia estas palavras memoraveis no famoso discurso parlamentar de 5 de julho de 1879:

«Os jesuitas, o partido clerical, (o italico é nosso) que é a sua expressão e o seu meio de acção, commetteram uma falta politica. Que me perdoem o dizer-lh'o com toda a reverencia que devo á sua habilidade! (Riso.) Desgraçadamente para elles, ligaram-se a um partido impopular, que excita a colera do povo, as coleras do suffragio universal.

Commetteram essa ineptia suprema. Esse partido mallogrouse e portanto não é ahi que está o perigo. O perigo está do lado do futuro, está em elles se fazerem republicanos. (Repetidos applausos.)

O perigo está do lado do futuro, está em vê-los denunciar uma aliança perigosa, em romperem com a velha monarchia, em se desembaraçarem d'esse regimen que lhes serviu de mostra e de signal aos olhos das populações.»

O illustre Paul Bert não faz distincções entre o clero e o jesuitismo. E para elle, o perigo da sociedade franceza não está em os jesuitas ou o Clero, que é a sua expressão e o seu meio de acção, serem inimigos da Republica; está em se fazerem republicanos. Em Portugal, não triumphará a Republica nem se salvará a socie-

dade, se os padres não forem republicanos! Celeberrimos politicos, os politicos da nossa terra!

Deixando, todavia, o grande paiz latino, temos agora n'outro grandissimo paiz uma prova completa e frisante da intima alliança que se dá entre as questões politicas e as questões religiosas.

Os anti-jesuíticos não iêem por certo, nem mesmo os sabem ler, os jornaes e as revistas inglezas. Não conhecem então o que vai na Grã-Bretanha. Pois melhor seria que conhecessem, porque muito ha que aprender n'aquella terra em todos os ramos do pensar e da actividade humana! Sejamos curtos, ainda que explicitos.

E' sabido de todos o que com Carlos Bradlaugh se passou na Inglaterra. O illustre publicista, eleito deputado por Northampton, negou-se na camara terminantemente a prestar juramento religioso. Foi expulso e annullada a sua eleição. Successivamente eleito e successivamente expulso, travou-se uma lucta gigante no paiz lendario do parlamentarismo. Bradlaugh percorreu o paiz inteiro advogando os seus principios perante a multidão, qual outro grande missionario da reforma livre-pensadora. Chegou a haver em Londres um comicio de duzentos mil homens! E foi tão grande a agitação, de tal forma o publico apoiou Charles Bradlaugh, que Gladstone, o presidente do conselho, se viu obrigado a propor á camara a substituição do juramento parlamentar por uma simples declaração de obediencia ao regimen estabelecido. A proposta foi regeitada por alguns votos, nos ultimos tempos de vida do ministerio liberal.

Agora, com as novas eleições, voltou ao debate a importante questão Bradlaugh. Na Inglaterra não é como aqui. Os capitães móreres não tocam com uma chibata o rebanho de carneiros. Desde o maior capitalista até ao mais simples proletario, vão todos desenvolver o seu programma aos eleitores e responder nos comicios ás perguntas e questões que os cidadãos lhe apresentam. Ora quem tiver seguido com curiosidade e estudo o importantissimo movimento eleitoral inglez, quem tiver percorrido nos jornaes as actas das reuniões eleitoraes, verá que ainda não houve uma unica em que não fosse com energia levantada a questão religiosa que se prende com a eleição de Northampton. Se os candidatos não são os primeiros a referir-se a ella, lembra-lh'a logo um eleitor. E já se contam por dezenas os candidatos livres pensadores e por centenas os que promettem votar a abolição do juramento parlamentar! Se tivermos tempo e espaço publicaremos no proximo numero pequenos extractos dos discursos proferidos sobre o assumpto.

Eis ahi está como os bons politicos põem de parte as questões religiosas!

Se Bradlaugh em lugar de estar tratando com os monarchicos inglezes, estivesse tratando com os republicanos portuguezes, não estaria a estas horas prestes a entrar no parlamento e a ver tri-

umphar os seus principios. Estaria ha muito enforcado, se houvesse força e os republicanos portuguezes estivessem no poder! Não havendo força e estando elles na opposição, seria enlameado em toda a parte com calumnias se lhe não valessem aquelles pulsos que fizeram a admiração da Inglaterra obrigando os porteiros da camara dos commons a ver estrellas ao meio dia.

Carta de Lisboa

20 de novembro.

Ainda o cadaver do sr. Bramcamp estava quente e já os progressistas afixavam as espadas de combate! Mal se cerrava a sepultura sobre o corpo do velho campeão da realza e já os apregoados herdeiros das suas tradições politicas se atacavam violentamente na imprensa!

O sr. Antonio Ennes dizia no *Correio da Noite* de sabbado passado, dia do enterro do ex-chefe do partido progressista, que era necessario arremessar pela borda fóra os marinheiros infieis ou turbulentos. O sr. Emygdio Navarro respondia-lhe no dia seguinte nas *Novidades* que estaria pelo que quizessem: pela concordia se a quizessem restabelecer cordealmente e solidamente; pela separação mansa, se não fosse possível um accordo de vistas e de desaggravos; e pela guerra bravia, se, como parecia, para ahi lhes puxavam os instintos e os sentimentos». Ao mesmo tempo ia tratando o sr. Antonio Ennes de «sugueiro que traz espingarda de lata com balas de cortiça e que não podendo com uma gata pelo rabo dá-se ares de hercules de feira.» De «pimponete, que é frasquinho de saes azedos.» De «cão fraldiqueiro que só ladra quando sente os donos a afagá-lo e o pello.» Um dos donos parece que é o sr. José Luciano!

Estupendo! Nós bem sabemos que iamos presenciar um espectáculo triste. Não nos enganavamos quando escreviamos na nossa ultima carta sobre a guerra atroz em que os progressistas se iam debater. Mas o que realmente não esperavamos era que o combate principiasse logo no dia seguinte áquelle em que traçavamos essas linhas e um dia antes dos leitores as lerem. Não calculavamos que o esphacelar principiasse, sem imagem de rhetorica, no proprio momento em que se cerrava a lousa sobre o cadaver de Bramcamp.

Travaram-se, pois, as escaramuças entre as guardas avançadas. Agora, emquanto os inimigos se preparam, parece que está suspenso o fogo. Mas o signal de guerra já está dado e aproxima-se o choque terrivel dos dois corpos de exercito!

Esperamos socegados a batalha decisiva. E veremos se vencem os servios ou os bulgaros d'esta familia granjolacea.

—A pacatissima Lisboa acaba de ser surpreendida por um acontecimento phenomenal. O ministerio recompoz-se pela centesima vez, para alegria do sr. Fon-

tes e gaudio de sua magestade. Entrou o sr. Thomaz Ribeiro para o ministerio das obras publicas e o sr. Manuel da Assumpção para o ministerio da justiça. Que choldra! Esse parlapatão balofo do cavallo branco elevado a ministro da justiça! Esse rhetorico ridiculo, alvo da gargalhada das galerias da camara popular, sem sciencia, sem sombras de talento, pregador de lagrimas, elevado ao primeiro cargo da magistratura d'esta terra! E o paiz a olhar com indifferença para toda esta insignificancia! Valha-nos a senhora do Sameiro. Não temos remedio senão ir em *peligrinação* a Braga pedir á Santinha que despeça raios sobre Portugal.

Por esse lado é choldrice, pelo lado da investidura do frei Thomaz de Carnaxide, que tem tanto geito para ministro como qualquer outro poeta do lyrismo, e da investidura do cavallo branco em conselheiros da corôa. Agora pelo lado das successivas recomposições ministerias é peliatrice e canalhice. Os progressistas queixam-se do rei lhes ter negado a elles uma unica recomposição e de as ter concedido successivas aos regeneradores e em circumstancias escandalosas. Tem razão, mas é bem feito. Se tivessem arremessado quando deviam quatro valentes pontapés n'esses bonecos coroados que para ahi vivem, já não achavam motivo para se queixar da sophismação constante de todas as praxes representativas e da viciação permanente da liberdade. Como assim o não quizeram é calar e agueatar,

—Foi nomeado membro do concelho de estado, na vaga do sr. Anselmo Bramcamp, o sr. Barjona de Freitas. Outro elo na cadeia das poucas vergonhas monarchico-regeneradoras. Tendo os regeneradores grande maioria no conselho de estado se o sr. Fontes possuísse uma simples noção da dignidade politica daria aquella vaga a qualquer vulto de outro grupo politico e nunca a um regenerador. Isso é que era regular e levantado.

Entretanto pouco nos importa que no conselho de estado esteja Pedro ou Paulo. Só nos importam estas miserias pela indicação persistente que nos dão de que o regimen que o paiz supporta com tanta paciencia é alem d'uma immoralidade atrevida, um ataque teimoso aos principios democraticos.

—Foram nomeados vogues do supremo tribunal administrativo os srs. Julio de Vilhena e Lopo Vaz. E' de pasinar que a pança regeneradora ainda não tenha rebentado!

—Os Jaquinas andam desafiorados. Tem praticado esta semana covardias sem nome. Ahi vai uma referida pelo *Diario de Noticias* sob o titulo de *agressão covarde*.

«Não são uns valentões, são apenas uns covardes despreziveis, que atacam pelas costas o adversario, ou quando elle está dormindo na sua cama, indefez e desprevenido. O carroceiro Henrique Lopes, acompanhado de mais dois pimpões da sua força, ante-hontem ás 11 horas da noite,

logo depois, no reinado de Luiz XV, começou a cosinha franceza a merecer a voga universal que hoje tem, graças aos successivos e maravilhosos progressos por que tem passado, guiada pela alternancia, pela horticultura, pela physica e pela chimica, elevadas ao maior estado de desenvolvimento e de perfeição.

A unica mesa portugueza que merece um lugar na historia universal da gastronomia é a do rei D. Manoel, d'esse grande «viveur», que nunca jantou sem musica e nunca se vestiu sem alguma peça nova no seu fato. As especiarias trazidas da india pelos nossos navegantes deram então á mesa do rei afortunado um cunho especial, que fez d'ella por algum tempo a primeira da Europa. Não ha dúvida nenhuma que essa primazia tivemos, mas perdemos-a como perdemos tudo ou quasi tudo quanto durante esse brilhante periodo das nossas navegações nos elevou á plana dos povos mais civilizados de todo o mundo.

Nas poesias de Sá de Miranda ha ainda uma singular nota culinaria, da qual se deprehende que em Portugal se

conheceram e se comeram tubaras muito antes de se comerem batalas. Também perdemos as tubaras! Sá de Miranda diz na referencia a que alludo que não gostava d'ellas. Não admira. Esse alimento extremamente estimulante não podia, de nenhum modo convir á indole parrana d'este escriptor. Estamos convencidos de que a tal respeito, como em muitas outras coisas, não era da opinião d'elle o seu contemporaneo Luiz de Camões. Camões, o leão, o elegante, o poeta apaixonado, o seductor das mulheres galantes do seu tempo, o duellista impávido, o soldado corajoso, o navegante destemido, o Alfred de Musset e o lord Byron da sua época, comeu por certo tantas tubaras em Lisboa quantas hoje comem os principes em Paris; e foi por isso talvez que elle se pôz ao par do que hoje se escreve de mais eloquente, de mais apaixonado e de mais arrebatador, deixando ficar para traz de si quantos poetas abatados, toucinhudos e borroeiros lhe succederam até o visconde d'Almeida Garrett, o qual teve o bom juizo de emigrar com todos os

rapazes de espirito do seu tempo e de se temperar com tubaras em Paris antes de ir fazer versos em Portugal.

Emquanto ao pastel de Chartres digo eu que se quer comido em «tête-à-tête» e assim é. O pastel de Chartres é, como o nosso arroz doce, um prato de festividade intima, sincera e sem-ceremonia: um prato de verdadeiros amigos como os presentes de pouco preço. O pastel de Chartres convida ao prazer da conversa, á alegria desaffecteda, ás confidencias queridas.

O «tête-à-tête» da verdadeira amizade só existe entre um homem e uma mulher. Dois homens raramente se estimam verdadeiramente. Ou occupam a mesma posição social ou não: se não estão em igual plano não se comprehendem no que dizem; se exercem a mesma missão na sociedade, sabem pouco mais ou menos d'antemão o que se podem dizer, e escutam-se com indifferença quando se não escutam com emulação ou com inveja. Ha além d'isso, umas certas considerações de orgulho, ou de vaidade, ou de resentimento, ou de des-

confiança, que obstem sempre a que n'um ou n'outro ponto da nossa vida nos abramos completamente com o nosso amigo mais dedicado e mais intimo.

A uma mulher que nos estima inteiramente e que se nos assemelha, nas condições do espirito e nas qualidades do coração, conta-se tudo. Ella entende o melhor do que qualquer homem; releva-nos as maiores fraquezas e os maiores ridiculos que lhe confessamos; a posse do nosso segredo, quanto mais importante e mais intimo elle fór, mais sagrado thesouro será para ella, lisongea-se infinitamente de o haver merecido, e morre mil vezes antes do que trahir-o; reprehende-nos com uma brandura delicadissima, que nem levemente desfalca a inteireza do seu affecto; aconselha-nos, sob a simples inspiração da sua bondade, com uma sensatez que nos maravilha e que nós temos depois de agradecer-lhes sempre que a escutamos, descobre muitas vezes nos nossos planos o lado mau que nos passára despercebido; desvia-nos das paixões ruins com um rigor de meiguice que vence e

subjuga principalmente as indoles vafricanas e os caracteres energicos; alentamos nos bons propósitos, na virtude e no trabalho, com umas palavras que nenhum homem pensa e que nenhum homem saberia dizer quando as pensasse—condão que a mulher trouxe do eden, onde eu creio umas vezes que lh'o deram os anjos, outras que a serpente, segundo os diversos usos que ella faz d'essa sobrenatural herança recebida em logar da força, a qual nos coíbe a nós; tendo na sua alma, desenvolvidas ou embryonarias as altas facultades de mãe, de esposa e d'irmã, resume em si um sanctuario completo d'affeições, entrega-se-nos com toda a confiança da estima que lhe merecemos, e compartilha finalmente do modo mais absoluto a nossa felicidade ou o nosso infortunio, dando ás nossas esperanças e ás nossas decepções toda a sua alegria e todas as suas lagrimas.

RAMALHO ORTIGÃO.

(CONTINUA.)

arrombaram a porta da residencia de Caetano de Azevedo, dentro do pateo na travessa da Horta, e indo ter com o locatario a cana deram-lhe uma sova com a tranca da porta, partindo-lhe um braço fazendo-lhe um grave ferimento na cabeça e varias contusões pelo corpo. Depois fugiram como uns covardes que são.»

—São recebidas aqui com muito interesse as noticias da guerra entre a Servia e a Bulgaria. A attitudão da Servia, ou do rei Milão para melhor dizer, é repugnante. Toda a gente sabe que este miseravel, profundamente odiado pelo povo servio, esse algoz dos republicanos, procurou a guerra como meio de consolidar o throno. O miseravel julgou que adulara as vaidades da nação indo contrariar um movimento sympathico de autonomia de duas nações opprimidas, a união de dois povos que se estimam. Poderá ser que a torpe adulação lhe demore a queda por instantes; mas a justiça democratica ha de varrer sem duvida mais dia menos dia esse tirannete covarde.

Carta de Chaves

20 de novembro.

As taes «senhoras» de Braga, a que me referi ultimamente, tãem dado aqui que fallar. A imprensa local—nem sei como tal fez!—occupou-se do caso. Alguns liberaes, constituindo-se em commissão, intentaram realisar, no theatro d'esta villa, um meeting anti-jezuitico, o que, porém, não conseguiram—devido á «illustração» com que se ornãem os «grandes figurões» flavienses, cujo auxilio aquelles tiveram a ingenuidade de sollicitar. Ao apontar-lhes a commissão liberal a illegalidade com que se projectava fundar n'esta villa o collegio em questão, ao lembrar-lhes as consequencias más, que d'elle nos adviriam, e a necessidade de se protestar com energia contra tal instituição e seus promotores ou iniciadores, ouviu de quasi todos:—

«O quê?! metingue scontr'ós padres?! portestar scontra o collegio?! Deus nos acuda!... isso num pôde xer, qu'eu cá tanho filhas, e queroas inducar!...»

E em vista da «digna» attitudão dos «dords», a commissão, despeitada, desistiu do seu proposito, pelo que mereçe as mais asperas censuras. Se os «grandes» não gostavam, que... gostassem;—o povo queria, applaudiria o comicio, e era o que bastava para a sua realisação. Não o entenderam, porém, assim, e... ficou tudo como d'antes. Uns borbotas, afinal de contas, estes liberaesinhos. O collegio fundar-se-ha, tudo o leva a suppôr—mas o povo nem sempre ha de dormir—creiam-n'o—, e saberá cumprir o seu dever. Para os pusillanimes, o desprezo, o chicote, o marmeleiro, ou a dynamite...

Correram tumultuosas as eleições camararias no concelho de Valle Passos. D'esta praça, marchou para allí toda a força militar disponivel, parte da qual já regressou a esta localidade. Sabe-se que n'uma das assembléas (na de Fiães) os governamentaes praticaram as maiores tropelias e violencias, dispersando e pondo em fuga a mesa, que lhe era adversa, e formando em seguida outra á sua vontade.

Ignora-se, por emquanto, o resultado geral.

E viva a liberalissima Carta!
Ivo Telles.

NOTICIARIO

Vindo de Madrid chegou a esta cidade e acha-se hospedado no hotel Cysne do Vouga, o sr. Carlos Faria e Mello.

Mais outra exposiçào. Em menos de quinze dias são já trez as creanças abandonadas ahí nos portaes.

No domingo era a morada do redactor do *Districto de Aveiro* que servia de receptaculo a outra recém-nascida, do sexo feminino.

E' lastimoso e devéras symptomatico de uma progressiva decadencia moral o espectáculo que ahí se exhibe já com tanta familiaridade.

O hinverno principia a manifestar-se por uns dias ennevoados ou de chuva que fazem o martyrio dos espiritos impressionaveis com essa melancholia atmospherica. Desde segunda feira que o tempo se apresenta carrancudo, com umas leves intermitencias outomniças.

O *Conimbricense* completou na ultima terça feira 39 annos de existencia. N'esse dia appareceu-nos engrinaldado. E' justa a alegria e nós associamo-nos ás festas do decano dos jornaes portuguezes que atravez de tão longo periodo soube conquistar um lugar eminente na arena jornalística.

E na quinta feira era Joaquim Martins de Carvalho que attingia os seus 63 annos de vida, d'uma vida sempre em lucta mas sempre activa e limpida.

Sauldamos por isso duplamente o austero campeão nas lides da imprensa.

Teve lugar no domingo a eleição dos corpos de administração parochial. Foi socegada. Não nos consta pelo menos que houvesse a mais leve altercação.

Tambem se realisoou no ultimo domingo o sorteamento dos mancebos que devem prehencher o contingente do exercito e da armada do anno actual.

Assentou definitivamente banca de advogado na villa d'Agueda, o nosso presado amigo sr. dr. Joaquim Baptista Leitão. Dezejamos-lhe sinceramente todas as felicidades.

Foi annullada a nomeação do sr. primeiro tenente da armada, Joaquim Patricio Ferreira, para proceder á demarcação das aguas territoriaes, nas zonas maritimas adjacentes de Portugal e Hespanha.

Para este serviço foi nomeado o primeiro tenente Francisco Augusto da Fonseca Regalla, nosso patricio.

Teem chegado mais contingentes de cavallos da nova remonta para o regimento 10.

A proposito da compra de novos cavallos para o exercito, um periodico da localidade insinuava ha tempos as grandes patifarias que se commettiam á sombra d'essa reforma. Encontramos no *Correio d'Abrantes* uma local que corrobora essas insinuações. Como isto é um paiz de compadres não nos surpreheudeu a *habilidade*, mas é bom que se saiba como corre a moralidade no reinado do sr. Fontes & C.º

«O sr. Manuel Machado, proprietario n'esta villa, tinha um cavallo defeituoso bastante, comprado ha tempos por 15 libras, não valendo hoje tal quantia.

Pois bem! Este cavallo foi comprado por 20 libras para ser apresentado á commissão de remonta militar como outros muitos, que aquella commissão são presentes, incapazes para o serviço militar.

Comtudo, o que tem mais graça, é que tendo um official da brigada d'artilheria de montanha feito empenho para obter um cavallo em boas condições, e servindo de empenho o deputado do circulo, official do exercito, este lhe despachou o requerimento sendo-

lhe concedido um cavallo reputado como um dos melhores.

Este cavallo, que lhe concederam como um exemplar que havia na remonta, era o que pertencia ao sr. Manuel Machado, pelo qual em Abrantes se não offerencia 12 libras.

E pagou o governo 40 libras por um sendeiro!

A cerebrina reforma das alfandegas arrojou para a circumscripção de fiscalisação externa n'esta cidade nada menos de trez chefes, quando anterior a essa reforma havia só um. Accresce ainda outra *economia*: pelo serviço de ronda fluvial os trez chefes percebem gratificações; ha um só bote destinado para esse serviço, o que dá em resultado estafarem os pobres remadores pelo excessivo zelo que os chefes desenvolvem pelos interesses da fazenda *[sic]*.

Para uma fiscalisação regular lembramos a conveniencia de serem creados mais dois botes e competentes remadores, ficando cada chefe com o seu barquinho e respectiva tripulação.

Oh! o Hintze ficou immortalizado com o seu parto da reforma aduaneira.

Os guardas da alfandega não receberam ainda o ordenado do mez de outubro. Novembro está a expirar, e aquelles pobres funcionarios lá vão arrastando a cruz como podem, soffrendo privações, até que os senhores da governação se dignem baixar os olhos para os tristes.

O anjo da caridade não saberá d'esta miseria? Agarrem-se ao anjo da caridade, páreas do functionalismo.

No domingo teve lugar em Lisboa a sagração do sr. dr. José Alves de Mariz, bispo de Bragança e Miranda. Um dos convidados que serviram as lavandas ao nuncio e ao novo bispo foi... não advinham quem? O moralissimo e casto Barjona de Freitas, ex-ministro da justiça!!

O rato e conselheiro Barjona, o Tenorio da capital, a servir as lavandas, é d'uma graça apimentada. Seria epigramma?

Diz a *Folha Constituinte* que um rapaz de 12 annos d'idade, de nome Jorge Augusto de Carvalho, natural d'Aveiro, roubou na noite de domingo para segunda-feira em Agueda, penetrando por uma janella na chamada *Casa dos Curas*, ao Adro, onde reside o actual parochio encomendado d'aquella freguezia, o sr. padre Joaquim Pereira de Souza Ribeiro, uma bolsa de prata com a quantia de 49\$700 reis.

O delinquente foi preso n'aquella mesma noite, quando se achava dentro d'um carro pertencente ao sr. Francisco Moreira, do Sardo, carro que no dia seguinte havia de fazer viagem de Agueda para Aveiro. No acto da prisão foi-lhe encontrada a bolsa de prata, mas contendo já sómente a quantia de 40\$700, vindo por consequencia a faltar, certinhas, duas libras, que se não poute saber d'elle em que as empregou.

Vae-se fazendo luz sobre o crime de Leiria, cujas peripecias temos acompanhado com interesse. Os promenores que damos abaixo tirados do nosso prezado collega *O Districto de Leiria* parecem um conto de Ponson du Terrail. São lugubres como a tragedia que tanto tem impressionado a moderada cidade de Leiria.

«Houve um rapaz, exposto, do Telheiro, freguezia da Barreira, d'este concelho, por nome Urbano, criado de João Rei, na occasião em que o assassinato se deveria ter commettido, que fez bastante luz no tenebroso mysterio que encobria o crime. Diz o referido Urbano que fôra acordado bruscamente uma noite em que teve logar o desaparecimento do

hospede, e obrigado a tomar, fóra de horas, assento em um trem ao lado do cocheiro Ziga, indo dentro do mesmo trem João Rei. Dirigiram-se para a estrada da Mariaba a toda a pressa, passaram esta povoação então adormecida, e internaram-se no pinhal real; ali já nas proximidades do mar, pois se ouvia distinctamente o quebrar das ondas, parou o trem.

Sahio João Rei, e Ziga saltou da almofada, dizendo ao rapaz que tomasse conta no gado, que elles pouco se demoravam. A noite estava escurissima e não obstante os dois metteram-se no embrenhado da matta e desapareceram, não podendo o rapaz ver o que levavam.

Demoraram-se cerca de 3 quartos de hora, dizendo ao rapaz, quando regressaram, que tinham ido para fallar a um *fidalgão*, mas que elle não tinha apparecido.

O rapaz que é esparto desconfiou do passeio, apesar de nada ter visto, e dias depois quando ouviu fallar no desaparecimento do hospede foi assaltado pela ideia de que poderia ser muito bem o Rei e o Ziga per o referido passeio para occultarem o cadaver do hospede.

Assim o declarou á auctoridade administrativa, e ultimamente ainda de um modo mais positivo ao sr. dr. juiz de direito.

Em vista d'esta declaração do rapaz, mandou a auctoridade administrativa a requisição do juizo, proceder a rigorosas pesquisas no pinhal real, pedindo para isso a respectiva licença ao director. Cavou-se em um kilometro de circumferencia do ponto onde o rapaz disse parára o trem, esquadrinhou-se, porém cadaver algum se encontrou; concluindo-se afinal que elle tivesse sido lançado do penedo denominado—da Saudade— que, cortado a pique, se eleva bastantes metros acima do nivel do mar, nas proximidades de S. Pedro de Muel. Não se pode ao presente verificar este presupposto, porque o mar ali é rodeado de rochedos, formando como que enorme caldeira, e quasi sempre agitadissimo.

No tempo a que se refere Urbano exposto e que parece conduzir os restos mortaes da victima, foram encontradas grandes manchas de sangue, bem como algumas em roupa que se achava no já alludido hotel Rei.

Depois do que deixamos relatado appareceu uma rapariga por nome Delvina de Jezus, criada de João Rei, na occasião de se levar a effeito o crime, mas que estava em uma casa que este possuia na rua Direita, e não no hotel, e declarou que tendo de ir ali fallar á *patroa* estranhára o silencio em que tudo se achava, porém não vendo ninguem e sentindo por fim fallar em voz baixa em um quarto proximo, lançára mão de uma cadeira e muito de vagar subira a ella e espreitára pela bandeira de uma porta d'esse quarto.

Que se lhe deparára então um espectáculo horrivel: vira João Rei, Ziga e Maria Antunes, mettendo dentro d'um caixote um cadaver humano todo ensanguentado e terrivelmente mutilado!...

Descêra então cautelosamente e sahira horrorisada pelo que acabava de presenciar.»

O chlorera assentou arraiaes na fronteira hespanhola, defronte do Algarve. O telegrapho traz noticias de novas invasões e mais obitos. O cordão sanitario foi apertado n'aquella ponto, desenvolvendo-se a mais rigorosa vigilancia.

Valha-nos isso ao menos.

Um jornal catholico inseria ha dias uma noticia toda succulenta. Era a de que ás Filhas de Maria e a todos os peregrinos que deviam partir em visita ao Sameiro, tinha sido concedida permissão para poderem comer carne, sendo assim dispensados do jejum.

Foi uma graça, se não nos enganamos, concedida pelo frei José dos Quarações. Mas nem com essa graça conseguiu arrebanhar muitos pelingrinos. Foi muito limitado o numero deromeiros.

Vae em crise a industria dos ministros do altar. Se o inferno e o ceu chegam a fechar-se de todo, ai coitado do santo gremio da bandeira negra.

O nosso collega do *Villarealense* roga a toda a imprensa a transcripção do seguinte pedido:

Francisco Borges Rodrigues e Joaquina Alves, de Villa Real, ignoram ha perto de 3 annos o paradeiro de seu filho Antonio Joaquim Alves, que ha 8 annos saiu para o Maranhão, de onde houve noticias d'elle durante 5 annos, passando depois para o Pará. Desde então nunca mais souberam d'elle. Pedem, por caridade, a todas as pessoas, quaesquer noticias de seu filho, o que bem do coração agradecem.

Na sua revista financeira calcula o *Commercio de Portugal* que a divida fluctuante no fim do actual anno economico deve estar em cerca de 12:000 contos por ter de se pagar em janeiro o *coupon* da divida consolidada externa, e em abril o da divida amortisavcl. Em 30 de junho a divida fluctuante era de 2:791 contos e em 30 de setembro era de 7:542 contos.

E' um abysmo que de fauces escancaradas nos attrahe constantemente.

De 1 de março do proximo futuro anno, as companhias francezas de Paris, a Orléans, do Meiodia da França, do Oeste de Hespanha, de Madrid a Cacères e a Portugal, e a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes organisarão um serviço directo em carruagens de 1.ª e 2.ª classes para o transporte de viajantes, bagagens e cães entre Paris e Lisboa, Entroncamente e Porto e vice-versa.

Os preços serão os seguintes: De Paris a Lisboa, 1.ª cl. fr. 265,85— 2.ª cl. 196,70.

De Paris ao Entroncamento 1.ª cl. fr. 250,10— 2.ª cl. fr. 187,60.

De Paris ao Porto 1.ª cl. fr. 273,50— 2.ª cl. fr. 207,30.

A duração da viagem é fixada em dez dias, não comprehendido o dia da partida.

Nos dois sentidos do percurso, os viajantes terão direito de parar em Bordéus, Bayonna e Madrid e poderão retirar as suas bagagens, comtanto que as tenham registado para esses pontos.

Em Siegnitz, (Allemanha) um voluntario de um regimento dos granadeiros do rei, tendo recusado tomar um banho, sob pretexto de que a agua estava muito fria, foi transferido, em virtude da participação do sargento de serviço á classe de simples soldado do corpo, e depois condemnado por um conselho de guerra a sete meses de prisão, em uma fortaleza, pelo crime de desobediencia.

O clamor dos proprios subditos não sensibilizou o coração da rainha d'Inglaterra. Riel, o famoso mestiço do Canadá que se insurgiu contra a dominação ingleza sempre foi executado no dia 18, e não no dia 9, como haviamos dito.

A velha bretã precisava mais d'aquella cabeça para enfeitar a corôa de imperatriz das Indias. Está feita a justiça de sua magestade britannica.

Telegrapham de Tanger que uma rapariga de 18 annos, que se encontra n'um adiantado periodo de gravidez, fôra cruelmente chicoteada, por ordem do pachá de Tanger, em virtude de uma simples denuncia proferida contra ella, por um indigena addido a um consulado estrangeiro.

A pobre rapariga foi castigada em presença da mãe, do pai e de um filho, os quaes assistiram, de mãos e pés ligados, ao acto brutal do espancamento. Uma senhora ingleza, recebeu a victima e prodigalisou-lhe todos os cuidados.

Os ministros de Inglaterra e de Hespanha occupam-se d'este caso e espera-se que o sultão infligirá ao pachá de Tanger o castigo que merece.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

O Etna está em plena evolução. As populações das localidades situadas á roda do vulcão vivem em transe perpetuo, porque se espera uma erupção de um momento para o outro.

A cada instante se ouvem ribombos como os que precedem

os grandes tremores de terra. A temperatura é tão elevada como no mez de julho, epocha dos mais fortes calores. Ha muitas semanas que alli reina uma atmosfera pesada sob um ceu sem nuvens.

O monte Etna, na Sicilia, é o vulcão mais elevado da Europa. A sua altura varia com a do cone que a termina, e que é modificada a cada erupção.

Sir J. Herschel calcula a sua altura em 3:313 metros. O circuito inferior do vulcão, duas vezes mais consideravel que o do Chimborazzo, forma um circulo irregular que não tem menos de 180 kilometros.

Uma das erupções mais desastrosas do Etna foi a de 1639. Perito de Nicolosi abriram-se dois abismos, d'onde saiu uma tal quantidade de areia e lodo que no espaço de tres mezes formaram uma dupla montanha (Monti Russi) de 137 metros de alto. A lama saida dos Monti Rossi percorreu 24 kilometros e meio, e levou 46 dias a attingir a margem

do mar. Depois de ter invadido 34 aldeias, acabou por avançar até aos muros de Catina, distante do Etna, cerca de 16 kilometros; a 30 de abril galgou as trincheiras da cidade e escangalhou 300 casas, muitas igrejas e o convento dos Benedictinos.

A erupção de 1639 cobriu seis ou sete leguas quadradas de uma camada de lava espessa em certos pontos de 31 metros, e destruiu 27:000 habitações, dando a morte a 18:000 pessoas.

BIBLIOPHIA

Scenas campestres, por Nuno d'Albuquerque. — E' um feixe de sonetos satyricos, em que são pintados fielmente episodios da vida ecclesiastica nas povoações campestinas.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Bug-Jargal.— Saino o 3.º fasciculo d'este romance editado pela Empreza Litteraria Horas de Ocio.

Aventuras d'um joven naturalista.— Está publicada a 3.ª caderneta d'esta obra, de que tambem é editora a Empreza Litteraria Horas d'Ocio.

Os pedidos devem ser enviados aos srs. Martins & Martins, rua de Santa Catharina, 172—Porto.

Os Miseraveis.— Saino á luz e recebemos o 10.º fasciculo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, ao sr. Eduardo da Costa Santos, rua de Santo Ildefonso, 4 a 6—Porto.

A Inquisição, o Rei e o Novo Mundo.— Com o fasciculo 48 ficou completa esta obra em cinco volumes, editada pela empreza Noites Romanticas.

A mesma empreza principiou

em seguida a dar á luz o *Pasteiro de Madrigal ou talvez o rei D. Sebastião*, grande romance historico, por Fernandez y Gonzalez, de que recebemos a primeira caderneta.

Assigna-se na rua d'Atalaya, 18—Lisboa.

Recebemos o fasciculo 53 das **Mulheres de Bronze**, esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

A Ilustração Portuguesa.— Recebemos o n.º 18 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

CREADAS

PARA uma casa de familia que reside no logar de Esgueira, distante da cidade de Aveiro cerca de um kilometro, são precisas duas creadas, uma para serviço de meza e quartos e outra para cozinha.

Exigem-se boas informações, mas dá-se boa soldada.

Quem estiver nas condições pôde dirigir-se a esta redacção onde obterá os necessarios esclarecimentos.

GENEBRA SEM RIVAL

Superior a quantas até hoje tem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE

C. C. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposição de Lisboa.

Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricantes.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

PRAIA DE ESPINHO

— RUA DO BANDEIRA DE MELLO, 34 —

CASA FILIAL DE MACEDO & C.ª

Simão Monteiro de Carvalho, participa aos seus bondosos amigos e obsequiosos freguezes, que, na fórma dos annos anteriores, transferiu para a praia d'Espinho e durante a epocha balnear, o estabelecimento de modas que dirige n'esta cidade.

Em Espinho espera portanto a sua visita, podendo desde já affiancar-lhes que apresenta este anno um sortido completo de todas as novidades da estação em condições vantajosissimas, sem competencia de outro qualquer estabelecimento.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA

EM AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Venda das ruinas d'um palacete EM AVEIRO

VENDEM-SE no largo do Terreiro as ruinas do palacete com suas pertenças, que foi do exc.º sr. visconde d'Almeidinha. Tem bonitas vistas para toda a ria. Quem a pretender dirija-se a João Rodrigues da Rocha.

Praça do Commercio, n.º 1—Aveiro.

BIBLIOTHECA DO CURA DE ALDEIA

214—RUA DO ALMADA—217

PORTO

OS PREDESTINADOS

POR

Henrique Perez Escrich

Acaba de sair do prelo o 3.º volume. Preço de cada volume 500 reis. Para os srs. assignantes 450 reis. Está no prelo, e já muito adelantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adelantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 214 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porta.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

ESPLENDIDA EDIÇÃO PORTUENSE, ILLUSTRADA COM 500 GRAVURAS NOVAS COMPRADAS AO EDITOR PARISIENSE EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanais de 32 paginas ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adelantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

VENDE-SE

UM phaeton grande, de quatro rodas, em muito bom uso, bem como trez arreios de carro. N'esta redacção se diz.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, autorizado pelo governo, e aprovado pela junta consultiva de saúde publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as crianças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toasta», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1834.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

OS MILHOES DO CRIMINOSO

Ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montepin, auctor dos romances: «O Flacre n.º 13, Mysterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

- 1.ª parte—O Incendiario.
- 2.ª parte—O grande industrial
- 3.ª parte—A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas cores, dos quaes o primeiro é o retrato de Montepin.

Cada chromo 10 reis—50 reis semanais.

Brindes a cada assignante: 4003000 reis em 3 premios pela lotoria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua na Cruz de Pau, 26, 1.º Lisboa.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem. Pacote 200 reis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1834.

DEPOSITO em Aveiro, farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1834.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Todos os pedidos a

Fernando Monca Christo

OFFICINA DE CARPINTERO
— RUA DE ALFANDEGA —
(Baixos do hotel Cysne do Vouga)
Executam-se todas as obras pertencentes á arte de carpinteria, taes como armazéns para lojas, carpintarias interiores e exteriores dos edificios, etc., etc.

PHAETON

No hotel Cysne do Vouga ha um para alugar. Quem o pretender pôde dirigir-se ao dito hotel.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA **COMPANHIA FABRIL SINGER**

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO
E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da **COMPANHIA SINGER** que se vendem a prestações de 500 reis semanais, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"
AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 79—AVEIRO
(Pegado á Caixa Economica)